



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS**  
**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET-FARMÁCIA)**



**TUTORA: Profa. Dra. Leônia Maria Batista**

**BOLSISTA: CAIO ABREU MONTEIRO**

**Resenha: O Sol é Para Todos**

“O Sol é Para Todos” é um filme dramático norte-americano, estreado no Brasil em 1963, cuja duração é de 129 minutos. Este longa-metragem é uma adaptação do livro da escritora norte-americana Harper Lee “To Kill a Mockingbird” e se configura como a obra mais famosa do diretor Robert Mulligan. Tendo isso em vista, o drama foi prestigiado com diversos elogios e 17 indicações a prêmios relevantes da crítica cinematográfica, dentre os quais se destaca o Oscar nas categorias de Melhor Ator, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor direção de Arte.

Apesar da escravidão ter sido abolida nos EUA em 1863, a segregação racial no país, principalmente nos estados sulistas, se manteve, tendo em vista que os negros eram tratados como segunda classe. O presente longa se passa diante desse contexto, marcado pela luta pela igualdade racial, onde figuras como Martin Luther King fomentavam a busca pelos direitos civis dos negros em detrimento do racismo social enraizado.

A história ocorre numa cidade fictícia do Alabama em 1932 e retrata, além das vivências dos irmãos Jem (Phillip Alford) e Scout Finch (Mary Badham), suas percepções acerca do preconceito das crianças contra o vizinho Sr. Radley. Os irmãos eram criados pela empregada negra Calpurnia (Estelle Evans) e pelo pai Atticus (Gregory Peck), um advogado visionário e respeitado na cidade, o qual prestava serviços para pessoas menos favorecidas.

No decorrer da trama, o filme abre espaço para apresentar um cenário de discriminação racial, quando Atticus resolve enfrentar uma conservadora racista do sul dos Estados Unidos e defender um homem negro, Tom Robinson (Brock Petter), acusado de ter estuprado uma mulher branca. Apesar da inocência do rapaz ser evidente, a palavra de um negro nunca se sobrepunha a palavra de uma pessoa branca, resultando no injusto julgamento do réu como culpado, reflexo da cultura que defende a superioridade de uma raça, a qual perdura até os dias atuais.

O longa-metragem é feito do ponto de vista das crianças, e oferece uma perspectiva simplista, mas da qual podem ser extraídas reflexões complexas a que mentes “adultas” não conseguiriam alcançar sozinhas. Uma vez que esses não têm os filtros adquiridos com a vivência, nem foram completamente corrompidos pelos ensinamentos sociais segregacionistas da época, seu ímpeto é mais questionador,

rebelde e radical do que o dos mais velhos. Em suma, a obra é extremamente original, pois destrincha e aborda questões maduras colocando-as sob a visão dos pequenos.

Apesar do filme ser da década de 60 e normalizar comportamentos imorais para a época atual, o mesmo levanta muitas questões em relação a assuntos polêmicos como racismo e preconceito, de forma a não ofender a cultura de um povo e conseguir, além de transmitir sua mensagem, agradar o espectador com uma narrativa emocionante.

Em termos técnicos, a direção foi cirúrgica e fez um excelente trabalho, tanto na execução dos diálogos, quanto na construção ambiental com a fotografia e os efeitos sonoros. Todos os atores executaram com maestria os papéis de seus personagens, merecendo destaque a performance do ator Gregory Peck, que dominou muito bem os discursos longos e comoventes de Atticus Finch.

PET - Farmácia

UFRB